

# TRIBUNA Livre

À Biblioteca Pública de  
Braga

6  
FEVEREIRO  
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DITOR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

## Exaltação e Homenagem

Certamente que os leitores deste semanário regionalista já viram a Imagem da Justiça. Figura esbelta de olhos vendados e de balança na mão. De olhos vendados para fugir à sedução da aparência; balança na mão para verificar apenas que o seu fiel está aprumo, em equação perfeita, depois de colocados em seus pratos pêso e mercadoria. Pois bem! Vamos proceder a um julgamento, olhos postos na Imagem da Justiça. A grande sala da audiência será a nossa Terra. Todos seremos Juizes e, simultaneamente (e se isso é possível) testemunhas de acusação e de defesa. O arguido é sacerdote da Igreja Católica. Conhecemo-lo de perto (e já há muitos anos), através da convivência sadia que tem feito o favor de nos proporcionar. Inteligente e culto, conhecedor profundo dos problemas humanos, é dinâmico, esclarecido e com decisão nas suas atitudes. Para além da missão específica de ser Padre, nele existe o HOMEM inteiramente realizado. Asseado e limpo, a sua acção de bem-fazer reveste-se de relevância ímpar dentro e fora da Igreja. Exigente consigo próprio, confunde-nos o rigor da Sua disciplina. Bondoso e sensato, é íman a arrastar quem consigo conviva.

Ser Homem e ser Padre simultaneamente, é dualidade que porventura poderá perturbar espíritos contusos e oblíquos. Todo o Padre é Homem, conquanto nem todo o Homem seja Padre. Mas para ser Padre, primeiro tem de ser-se Homem. Este, por sua vez, traz o cariz da fragilidade

humana, herança que lhe adveio da sua primeira casa — o Paraíso Terreal. E a despeito da sua recuperação através de Cristo Redentor, o Homem arrastará consigo até ao túmulo os defeitos inerentes à sua condição de ser humano. A Ordem Sacra que a Igreja confere ao Homem, imprime-lhe carácter mas não lhe destrói os possíveis defeitos. Outrossim, o Homem eleva-se bem alto perante o Senhor e o mundo pela sua Fé e Humildade. A Fé que remova montanhas; a Humildade que confunde os orgulhosos. Sua Reverência é Homem de



P.e Albino José Fernandes Alves

antes quebrar que torcer, não tivesse nascido Ele nas terras altas de Zebal (no sopé da linda serra da Cabreira) em que se modela a alma por parecer mais próxima de Deus e se forma o carácter de rija tèmpera!

Há 13 anos ao serviço da nossa Terra como seu Pároco, tem-lhe dedicado toda a Sua afeição como se fora a Sua própria. São bem conhecidos os benefícios que lhe tem prodigalizado através das Suas prestimosas relações sociais. Nem sempre compreendido, soube (mas isso é apanágio dos Homens de estirpe), sofrer no silêncio do Seu presbitério.

Eu sei que não gosta de encómios, não porque se envaideça com eles ou lhe desvirtue o valor espiritual que a Sua obra possa ter, mas porque é simples e desinteressado no BEM-FAZER.

No entanto, quero aproveitar a efeméride dos 50 anos que completará no próximo dia 14 do corrente, para felicitar o Querido Amigo Padre Albino José Fernandes Alves.

Bem haja! E que as Bênçãos do Senhor desçam aflux sobre Sua Reverência para bem da Igreja e dos homens!

N. Gonçalves

## CURSO DE INICIAÇÃO PRÁTICA DE TEATRO

Com a reunião magna dos componentes dos grupos de Braga e da Casa do Povo da Feira Nova, que sob a chefia e orientação do actor Nunes Vidal, que anteontem teve lugar na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, podem considerar-se organizadas as duas equipas de teatro amador, que vão actuar no nosso Distrito.

A Junta da Acção Social, através da sua Missão em Braga, que patrocina a efectivação dos cursos e desde já credora da nossa admiração e agradecimento pela iniciativa a todos os títulos meritória e cultural.

Nesta 1.ª sessão a que assistiram algumas dezenas de componentes e o sr. Presidente da Direcção da Casa do Povo, foram apresentadas e lidas pelo realizador actor Nunes Vidal as duas peças a interpretar. A todos agradaram imenso não só pelo seu interesse teatral, como também pelo puro regionalismo que as caracteriza.

É mais uma iniciativa que muito nos honra e que põe à prova, no bom sentido, a potencialidade artística da nossa juventude que tão compreensivamente ocorreu a inscrever-se neste curso.

## Reuniu a Assembleia Geral da Associação dos B. Voluntários

Como tínhamos anunciado, realizou-se no passado domingo, a Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros Voluntários deste concelho tendo como ordem dos trabalhos a aprovação do relatório e contas do ano findo, a eleição dos corpos dirigentes para o triénio 1971/73 e a autorização para que a Direcção preceda às obras necessárias para instalação do Ciclo Preparatório na sua sede.

Preside-se aos trabalhos o sr. Paulo Barbosa de Macedo, presidente da Assembleia Geral que se fazia rodear pelos srs. António Geraldino Menes e António Gonçalves de Macedo. Aberta a sessão foi concedida a palavra ao sr. João Barbosa de Macedo, presidente da direcção.

## IX Almoço Bracarense da Casa do Minho

Mais um almoço Bracarense da Casa do Minho em Lisboa, teve lugar no passado dia 31 de Janeiro, e que como os antecedentes deu lugar a um encontro, convívio e confraternização da nossa colónia Minhota em Lisboa com algumas das autoridades do nosso Minho.

Tal almoço teve este ano a presença não só do senhor Governador Civil, Comentarador António Maria Santos da Cunha como também do Presidente e Vice-Presidente da Câmara de Amares, e suas Ex.<sup>mas</sup> esposas que ali se deslocaram prepositadamente e ainda o embaixador do Brasil, os presidentes das Câmaras Municipais de Braga, Barcelos, Dr. Tomaz de Andrade Abílio Bastos, Director de Finanças a comissão organizadora, constituída pelos Srs. Gaspar Passos de Almeida, Fonseca Santos, Dr. Sousa Barros, Isidro Teixeira, Barros Gonçalves e António Joaquim Campos, entre muitas outras dezenas de individualidades.

Nesse lauto e regionalíssimo almoço que de ano para

ano sobe de interesse, tomaram parte figuras da maior representação social.

A ementa de que faziam parte especialidades do nosso Concelho, incluiu: presunto de Terras de Bouro, bacalhão à Narcisa, sarrabulho à moda de Braga (com papas e rojões, com farinhato de Feira Nova) pão-de-ló de Celorico de Bastos, toucinho do Céu, de Guimarães; laranjas temporãs de Amares; vinhos verdes (tinto e branco), de Celorico de Basto; e ainda, bagaceira de Caires (Amares), que deleitaram esses participantes e que nesse dia cometeram, duplamente, o pecado da gula.

É dever desfazer-se o bairrismo e extraordinária actividade desenvolvida pelo nosso conterrâneo Senhor António José de Barros Gonçalves, Tesoureiro da Direcção que dotado de faculdades extraordinárias, de organizador tem sabido dar à Casa do Minho o elevado cunho regional que tanto nos honra.

## 5.ª COLUNA

Já uma vez disse ao meu Leitor que, a despeito da minha azáfama, tenho o defeito (ou a virtude) de ler muito e aquilo exactamente de que os outros não querem machar-se. Exemplo: as contas gerais do Estado, coisa supponho eu, que o meu Leitor nunca fez.

Pois bem! O meu confrade José António da Silva, que o Leitor muito bem conhece, certamente, da nossa «Tribuna», contribuiu para que tivesse escrito algo sobre jornalismo. Escrevi! Todavia, a 25 de Janeiro passado o meu colega, Dias Rodrigues, correspondente do «Comércio do Porto» em Aveiro, trouxe à liça o mesmo tema. E para amanhã não apodarem de plagiador, enterrei no cesto dos papeis a minha crónica e permito-me transcrever a do ilustre colega. Ela aí vai, um tanto ou quanto diminuída, dada a falta de espaço da minha coluna.

«Na letra do regulamento, para ser jornalista é condição

(Continua na 2.ª página)

(Continua na 4.ª página)

## Carta ao Director

### [acerca dos cronistas de Bouro e das suas pseudo-entrevistas]

bem em ficar caladinho e com a viola no saco para não dar mais espectáculo como deus.

Se me permite, Senhor Director, eu daria um juízo de valor sobre esta triste página (vil e apagada tristeza lhe chamaria Camões!) e as suas subterrâneas intenções de a si mesmos se elevarem, já se vê que não sem um fim em vista. E preferi-lo-ia a partir do pensamento do único artigo válido que descubro neste número do jornal, o que se refere a Goães, na 1.ª pág.ª, para o qual chamo a atenção dos leitores, não obstante vir um pouco desfigurado pelas gralhas. Nele encontrarão resposta e esclarecimento para as motivações dessa pseudo entrevista.

Poder-se-ia resumir nisto: se os lugares de autoridade na freguesia são para serviço dos outros — o que não é economicamente lucrativo — e não para servir os seus interesses ou as suas pretensões — o que já é lucrativo, mas se opõe ao verdadeiro conceito e missão de autoridade — se é assim, não chego a compreender nem sei explicar toda esta luta, urdida e desenvolvida de mil modos todo este interesse em procurar por qualquer preço e a todo o risco apoderar-se desses lugares.

Deixemo-nos de ilusões e abramos os olhos ao povo, que é sempre, no fim de contas, o prejudicado. Que os mais inteligentes, sobretudo os mais prudentes e honestos sejam investidos nesses cargos e que se acabe de uma vez para sempre com a coibição dos que se julgam «sobas», mandões de aldeia, só porque são mais ricos e com o dinheiro arranjam amigos, pois são esses sobas que dividem e agitam as populações para depois as explorarem e, à custa da sua ingenuidade, se alcandorarem aos postos de mando, de que são indignos. E uma vez lá, cada qual faz render o seu negócio, sob a ameaça de negarem os serviços devidos, se não anda tudo debaixo do seu bastão. Ora nós já estamos distanciados muitos séculos da mentalidade tribal e do feudalismo da Meia-Idade.

Eis o principal do que há por trás das crónicas e entrevistas, como esta a que nos referimos.

Albano Fraga

A exibição é sempre anti-pática, menos nos Palhaços.

Jacques Lantrier

## Mini-Gazeta

Nós, nunca passamos disto,  
Neste nosso Portugal,  
Tudo que venha noval  
É sempre, e tal e qual,  
Aquilo que já existe.

Ainda agora nasceu  
Um jornal todo pimpão,  
De gravura em profusão,  
Custando o mesmo «tostão»,  
E, segundo prometeu,

Veio com sua arrogância  
Modificar a leitura.  
Porém, a coisa perdura  
Na modernidade dura  
De não se dar importância

Às coisas novas de agora  
Pois na época em qu' estamos,  
Nem sequer nos levantamos  
P'ra EPOCA apreciarmos  
Nas notícias desta hora!...

DAVUS

## DE LAGO

### Tentativa de homicídio

Barbaramente espancado e com uma bordada na cabeça foi conduzido ao hospital de São João em

estado de coma o proprietário da freguesia de Lago, sr José da Fonte.

A G. N. R. por falta de possíveis declarações da vítima procede activamente na descoberta dos autores da selvajeria.

## 5.ª C O L U N A

(Continuação da 1.ª pagina)  
*sine qua non* estar sindicalizado — ter uma carteira profissional. Mas, para nós, é mais que isso. Jornalistas não é ofício. Mas é missão, doação, imolação à causa comum. É sê-lo pelos seus próprios meios. É caminhar por si e não esperar por muletas do vizinho. É o que anuncia em cima dos joelhos e não aguarda relatório do dia seguinte para executar burilada obra literária, inspirada(?) à mesa do café. É o homem que se enterra na areia para perscrutar os segredos de Oceano; o que escala ravinas para olhar pormenores das alturas; que se imiscui na zagata para auscultar reacções humanas; que desvenda a floresta para compulsar os seus recônditos segredos; que vai aos lautos banquetes para suportar brilhantes discursos; se atola na lama dos caminhos de aldeia para a deixar nas avenidas das cidades; que entra nos tugúrios para ouvir gemer os velhinhos que apodrecem em palha pôdre; que calcorreia de noite e dia as nossas ruas; que escuta, mastiga, relata e se emocional... É o homem que caminha para onde há sangue sem se lembrar do seu próprio sangue.

E grita o nosso colega: «Pois quem for capaz de seguir estes» mandamentos «então venha para a praça pública propagar que é jornalista, independentemente de estar ou não sindicalizado, porque pode muito bem ser que esteja na letra e não no espírito!»

Nada tenho a acrescentar. Se há, o Leitor faça favor de nos fazer justiça.

EME ABRIL

## Reuniu a Assembleia Geral da Associação dos B. Voluntários

ção, para nela instalar o Ciclo Preparatório que o Ministério da Educação Nacional pretende pôr a funcionar em Outubro próximo. Terá a Associação de fazer as obras de ampliação e adaptação e receberá um aluguer que se espera seja compensador. As obras serão feitas conforme projecto que se aguarda. A Assembleia deu a sua aprovação.

Finalmente procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes que ficaram assim constituídos.

Assembleia Geral:  
Presidente— Paulo Barbosa de Macedo. Vogais— António Geraldino Meneses e António Narciso G. Macedo.

Direcção  
Presidente— João Barbosa de Macedo.

Vice presidente— José Maria Crespo Pimenta da Castro.

Secretário— Jaime de Abreu Dias.

## Para um momento de reflexão

Por Dr. Folgado da Silveira

A vida, com o desenvolvimento técnico que atingiu, está a modificar conceitos, tidos, até há pouco, por fundamentais.

A rapidez da informação, que chega a toda a parte em poucos instantes; a técnica, que duplica, em certos sectores, a produção; a chegada à Lua e o conhecimento que dela temos pelo sucessivo envio de imagem, são enfim, uma pálida amostra do que está a acontecer no mundo de hoje. Daqui para diante há um sem número de realidades com que o homem tem de contar no caminho do seu progresso.

No entanto, e de par com este extraordinário desenvolvimento, há uma feroz inquietação no Mundo que torna os espíritos ansiosos pela hecatombe que daí possa advir, e, irremediavelmente, tudo se acabe no estouro duma explosão sem critério.

Ora, tanto pela vida que nos esgota como pelos receios que nos atormentam, a nossa existência parece querer tomar por certo apenas a realidade do dia a dia, na certeza de que aí estará, por ventura, a única verdade que merecerá alcançar-se.

Viver a hora que passa será, assim, a única verdade predominante que agita a efervescência das multidões e lhes vai garantindo um resto de esperança na panórmica em que tem necessariamente de realizar se. Forçado a entrar na bicha e a seguir o caminho do utilitário fácil, o homem negou o sacrifício posto ao triunfo do trabalho exaustivo, da ordenação pertinaz, abandonando a responsabilidade do lar às inconstâncias do momento e a formação moral dos filhos às relações de ocasião.

Tudo isto e o mais se processa na inconsciência do atrabiliário, sem o contratempo do sacrifício que enrije o carácter e prepara o espírito para o embate das grandes contrariedades.

Referimo-nos, evidentemente, ao ambiente de certos sectores e às realidades que alguns parece quererem levar a toda a parte.

Ora se somos nós que constituímos a sociedade, esta há de ser, necessariamente, aquilo que nós quisermos que seja. E aqui estará um ponto de reflexão, algo por onde poderemos iniciar, um

Tesoureiro— José Fernandes Leite.

Secretário adjunto— António Baptista Macedo Gonçalves.

Vogais— Carlos da Silva Barbosa e António Dias Paredes.

Conselho Fiscal  
Presidente— Mário António Ramos de Azevedo.— Vogais: Manuel Pereira Janela e Joaquim Barbosa de Macedo.

motivo, uma ideia, um argumento se quiserem, para a possível melhoria de um mundo mais verdadeiro e mais justo.

Há valores que o homem não pode abandonar pois eles estruturam os pilares da sociedade e constituem os altos coeficientes em que na paz e na justiça, haveremos de viver.

Os nossos filhos têm de aceitar, na realidade e no exemplo de todos os dias, a dureza da vida, a dedicação ao trabalho, a obediência a pais e superiores, a veneração à Pátria, o amor a Deus. É necessário que o homem seja, na verdade, homem autêntico e não um ser prepotente, vaidoso do seu poder e do seu orgulho. E, então, a velocidade da informação, que em instantes percorre o globo, não constitua mais essa permanente inquietação que hoje nos ataca e nos carga de psicoses.

Havermos de saber com satisfação as grandes realizações que enobrecem o homem e lhe ajudam a existência — e não o tempo de que, por ódios e ganâncias, na divisão partidária que separa a humanidade, esta se aniquile na hecatombe infernal duma explosão sem critério.

## Condições de Assinatura

### Continente

Ano . . . . . 50\$00  
Semestre . . . . . 25\$00

### Ilhas

Avião—ano . . . . . 150\$00  
Semestre . . . . . 75\$00  
Barco—ano . . . . . 60\$00  
Semestre . . . . . 30\$00

### Brasil

Avião—ano . . . . . 180\$00  
Semestre . . . . . 90\$00  
Barco—ano . . . . . 80\$00  
Semestre . . . . . 40\$00

### Estrangeiro

### e Províncias Ultramarinas

Avião—ano . . . . . 180\$00  
Semestre . . . . . 90\$00  
Barco—ano . . . . . 80\$00  
Semestre . . . . . 40\$00

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Sê tu generoso... defende os interesses da tua terra.

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

Enquanto não se proceder a um inquérito nas freguesias do concelho para resolver os problemas dos caminhos vicinais que se encontram intransitáveis, os brados e os protestos dos habitantes não cessam e as autoridades locais, sem recursos, serão o alvo de todas as acusações.

As juntas de Freguesia sem rendimentos próprios não podem fazer nada a não ser assinar papeis e a dizer aos reclamantes que recorram à Câmara Municipal.

Esta por sua vez, dadas as suas dificuldades, deixa de dar satisfação aos pedidos que recebe, que reconhece serem de inteira justiça, e o mal continua a agravar a situação de tanta gente que merece o carinho das autoridades a quem não negam tudo que lhes seja solicitado. É lamentável a vida das juntas de freguesia, das câmaras municipais com receitas incapazes de poderem suportar os encargos necessários e obrigatórios.

Para salvar a situação das autoridades e resolver as dificuldades das terras que precisam de vias de comunicação exigidas pelo trânsito actual intenso e pesado só um inquérito rigoroso em conjunto feito pelas juntas de freguesia necessitadas que a Câmara receberia para enviar ao respectivo Ministério que enviaria verba suficiente para acabar de vez com uma situação que tem de ser resolvida ainda de qualquer encargo a derramar sobre essa gente seja lançado.

Devemos salvar a situação das câmaras e das juntas e basta o sacrifício que fazem esses benfeitores da sociedade que se sujeitam a críticas imerecidas e a indiferenças prejudiciais à própria vida da pessoa por não poderem acudir às necessidades e exigências que julgavam satisfazer quando empossados debaixo de estrondosos aplausos do público confiado nos homens a quem o seu destino ficaria entregue temporariamente. Mas o amor à pátria, à terra e às exemplares doutrinas nacionalistas é um obstáculo muito grande para que alguém se negue a colaborar pela primeira vez, principalmente, nos destinos de um povo que não pode ser traído se se desejam estruturas políticas e sociais invulneráveis como é lógico.

Vem este comentário a propósito do que se passa em Lago, aonde as crianças não podem ir à escola e o veterinário não pode levar o carro às lojas que tem de visitar para examinar as carnes abatidas. Uma estrada prometida e já chegou a ser

subsidiada resolveria o problema dessa freguesia. O que é lamentável é que sejam as juntas e a câmara as vítimas das acusações quando umas e outras vivem financeiramente como sabe quem procura saber para não criticar quem teve a pouca sorte de tirar o totobola nas eleições das juntas de freguesia.

Uma solução para o problema se de Lisboa não vier o remédio para a cura da doença, era a extinção do imposto de trabalho que está a servir de alcoviteiro a tudo isto, e lançar uma derrama sempre que fosse preciso, para que os habitantes das freguesias sentissem os efeitos das dificuldades e a pobreza do imposto que, proporcionalmente dividido, não dava para nada. Assim acabariam os protestos que esse imposto provoca e os caminhos apareciam como devem a servir o intenso trânsito que se verifica actualmente. Com a extinção do imposto todos lucrariam e muito mais as autoridades acusadas de desleixo ou parcialismo por dar àquele e não a este, etc.

O Santo Amaro, padroeiro da freguesia de Proselo foi muito festejado no domingo pretérito. A banda de música de Amares abrilhantou os actos religiosos e profanos muito concorridos apesar das investidas do tempo.

A nova Câmara Municipal composta por dois jovens está disposta a trabalhar mas vê-se tolhida, vê-se desgostosa para vencer as peias burocráticas e a primeira fatalidade foi pensar em fazer três abrigos nas paragens das camionetas. Dois na Feira-Nova e um em Amares. Será posta de parte a genial ideia porque as Obras Públicas exigem plantas das localidades a ser servidas e plantas dos abrigos e fica mais caro essa exigência do que o custo dos indispensáveis abrigos.

Elísio Gonçalves

## Aniversário

Festejou-se no passado dia 29, mais um aniversário a Ex.ma Sra. D. Custódia Maria Almeida Portela, de Goães.

Digna esposa do nosso assinante e particular amigo, Manuel Portela a quem desejamos muitas felicidades e uma longa vida, cheia de venturas, junto do seu quadro familiar.

São os votos dum colaborador e amigo e ainda da nossa querida (Tribuna Livre)

## Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 6, o sr. Belmiro da Silva - Angola.

Amanhã, dia 7, o sr. Joaquim José de Macedo.

No dia 8 a menina Fernanda Celina Gonçalves de Macedo, a sra. D. Isilda da Costa Dias e o sr. Felisberto Barbosa Macedo.

No dia 9 o sr. Joaquim Barbosa de Macedo.

No dia 10 a sra. Rosa Brandão Pinheiro e Ester Brandão Pinheiro.

No dia 12 o sr. Alberto Gonçalves Pereira.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.



## Tribunal Judicial da Comarca VILA VERDE ANÚNCIO

Pela Segunda Secção de Processos, correm seus termos uns autos de Expropriação por utilidade Particular que os expropriantes Manuel de Oliveira Almeida e mulher Deolinda Gaijo da Silva de Oliveira Almeida, proprietários, do lugar de Febros, freguesia da Lage, desta comarca, movem contra LUIZ ALCINO SOARES FERRAZ DA MOTA e JOSÉ MANUEL FERREIRA, solteiros, proprietários e outros, ausentes em parte incerta, mas com o último domicílio conhecido no lugar do Paço, freguesia de Lago, da comarca de Amares, sendo por este meio citados estes expropriados, para no prazo de **Dez Dias**, finda a dilação de trinta dias, que começa a contar-se depois da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo o pedido formulado naqueles autos que consiste na expropriação e consequente constituição de servidão legal de passagem para animais, carros de bois e camioneiras ou tractores através do seu prédio denominado «BOUÇA DO SOUTO RIO», sita na freguesia da Lage, numa extensão de 23 metros, com a largura de dois e meio e com piso em terra dura podendo, os autores, sempre que assim e tal lhes convenha, pavimentar com calçada o respectivo piso, sob pena de se proceder à nomeação de peritos.

Vila Verde, 1 de Fevereiro de 1971

O Juiz de Direito:—

a) Fernando Adelino Fabião

—O escrivão:—

a) Francisco Peixoto

## S. Braz-Rendufe

Datam do ano de 1517 os festejos que no próximo domingo se vão realizar em honra de São Braz de Entre as Silvas. A capela onde o Santo se encontra foi fundada pelos Monges Benedictinos quando aqui assentaram arraiais para fundar o Mosteiro e o Convento onde viveram sempre. É um Santo com uma história ligada aos grandes acontecimentos religiosos da época fradesca pioneira do desenvolvimento espiritual da cristandade a que todos vivemos ligados pela benignidade das doutrinas a manter uma permanente alegria no coração de quem acredita e sabe amar a Deus. Se outros méritos não tivesse essa ordem de São Bento bastariam os religiosos que propagam para jamais se apagar do espírito sedento de uma chama viva que o alimente às inquietudes e incertezas da vida de cada um de nós. A festa de domingo é porisso a repetição da história de um Santo que não pediu para ocupar esse lugar no Reino aonde se encontra a espargir benefícios para quem os merece e o sabe compreender. Merecem louvores os homens de sempre que até hoje respeitaram uma tradição cheia de brilho e de dignidade.

A Comissão de festas deste ano capricha e sacrifica-se para merecer a recompensa do advogado das doenças da garganta

Teremos além de uma missa solene a presença das bandas de música de Amares e dos Orfãos de São Caetano. Um talentoso sacerdote exporá no seu sermão as virtudes e qualidades do arfritrão com milhões de Devotos e forateiros a ouvi-lo na dimeccinação de uma Fé que é o último recurso de toda a humanidade cristã e católica.

C.

## FALECIMENTO

### Manuel dos Santos Rodrigues Martins

Após um mês de sofrimento, que suportou com resignação cristã, faleceu, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, o sr. Manuel dos Santos R. Martins, casado, de 36 anos de idade.

Era filho do sr. Domingos dos Santos Martins e de Adelina Rodrigues e casado com Olívia de Jesus Antunes.

No seu funeral, que se realizou na passada segunda-feira, dia 1, incorporaram-se muitos jovens da idade do Manuel, as pessoas mais gradas da Feira Nova e muito povo anónimo que estimava e admirava o finado.

Os Bombeiros V. de Amares, a cujo Corpo Activo o Manuel sempre pertenceu, transportaram-no no pronto-socorro com todo o pessoal disponível em impecável formatura e aos ombros daqueles que foram seus camaradas foi transportado até à última morada, depois de celebrada missa de corpo presente.

Os Voluntários de Braga fizeram-se representar no funeral por um piquete

Caso inédito no nosso meio e que comoveu até as lágrimas surgiu quando o féretro passava em frente ao edifício dos Bombeiros. A sirene, símbolo de aviso aos bondosos soldados da paz, dominada nos comandos pelo instrutor do Corpo Activo sr. Ulisses Valter da Silva, fez ouvir a sua voz como num adeus... num adeus triste, comovente e arripiante com o desgosto de ver partir quem tantas vezes ela chamou para «Vida por Vida» salvar o próximo e os seus haveres.

Estamos-nos a lembrar daquele corpo franzino sempre bem disposto, alegre e brincalhão, sempre com um conselho amigo ou às ordens de quem dele necessitasse.

Era assim o Manuel; Para os amigos da intimidade o «Caxias».

Se aos bons Deus proteje e recebe no Seu Seio, também a ti Deus receberá com as preces e rogos dos teus amigos.

À família enlutada, Tribuna Livre apresenta sentidos pêsames.

# CARTA AO DIRECTOR

## (àcerca dos cronistas de Bouro e das suas pseudo-entrevistas)

Ex.mo Senhor Director:

Perdoar-me-á V. Ex.a o sem cerimónia da minha franqueza e a lhaneza da minha linguagem, nesta primeira carta, que peço para ser publicada, em que o «assunto» é o Jornal. Como filho desta terra de Amares e assinante deste jornal, por várias vezes fui já importunado com remoques de amigos acerca da «TRIBUNA LIVRE». Dizem-me: «Amares deve ser uma terra muito atrasada, a julgar pelo nível do vosso jornal. Escritos como estes — e apontavam-me o estendal a que deram o nome de «entrevista», na 4.ª pag.ª do n.º 23 1-1971 — denotam logo, à primeira vista, tão supina ignorância cultural, gramatical e literária, tão asqueroso tendenciosismo sob pretexto de auto-propaganda, que nem sei como o Director do Jornal não possui um cesto de papeis para onde lance semelhantes anormalidades. Então eles não serão capazes de fazer um jornal com um mínimo de nível e de critério selectivo de correspondência, com um mínimo de correcção de cultura, de aprumo? Não serão capazes de um acto de coragem para cortar de uma vez para sempre com tais colaboradores que, cheios embora de ousadia, pisam terreno que desconhecem e escrevem coisas tais e de tal modo que o mais benévolo critério tem de rejeitar? Ou o jornal é de alunos adultos da instrução primária?

Cada qual nasce para o que nasce, tem o que tem e é o que é. Uns nascem para escritores e jornalistas e têm a necessária preparação: pois que o sejam; outros nascem para comerciar «gado grunhidente» e quejandos: pois que a tal se dediquem, que é af o seu lugar. E tudo o que está fora do seu lugar e da sua finalidade se autodestrói, visto que a natureza não pode lutar contra a sua teleologia.

Custe o que custar, é assim mesmo. Mas, note, Senhor Director que estas palavras não pretendem ser apenas a constatação de um facto, perante o qual se cruzam os braços, como nada mais havendo a fazer. Há, sim. Há muito a fazer e que pode e deve ser feito neste sector da acção pública. Vocês podem e devem fazer um jornal que eleve, forme, esclareça e dê uma mundividência de justiça e verdade aos vossos leitores, sem pôr de parte, claro está, o seu carácter regionalista.

Mas, o mal é mais profundo do que o estampado no rosto do jornal. E aí se deveria ocorrer em primeiro

lugar. É necessário difundir as linhas gerais de um humanismo são, adulto, aberto, cristão e actual para que a mentalidade se renove. E dado o seu carácter regionalista, concretizar essa doutrinação nos acontecimentos e nos problemas da zona geográfica e sociológica.

Possuindo este jornal, o concelho dispõe, no cérebro da sua gestão cimeira, de uma força e de uma oportunidade única, que será decisiva nestes tempos de mutação e de responsabilização. Se a não aproveita, a História o julgará de grave omissão. E não será de um dia para o outro que se vai modificar a estreiteza mental e atrávica, ia a dizer, do espírito de intriga (expressão diáfana da lei da selva), em que sempre um punhado se quer servir dos lugares de destaque e de autoridade, não para «servir», mas para escravizar os outros, sugá-los, vivendo parasitária e despoticamente em regime de sobas, em pleno declinar da civilização do ano 2000. Será um trabalho moroso e, por isso, inadiável.

A 4.ª página, acima referida, do último jornal, é uma amostragem desta carcomida política e doentia mentalidade, que pode exemplificar quanto se disse.

Escolhamos dois ou três excertos dessa «famosa» página, igual a tantas outras já publicadas e pelo mesmo assinadas. Por exemplo, logo a abrir:

«No meu interior vogou cerca de um ano a ideia de contactar com os povos de todas as classes sociais e nunca emancipei o pensamento até que obtivesse a conclusão de bem ou do mal feito». A primeira coisa que o nosso ilustre articulista se esqueceu é que já passaram séculos sobre a época da corrente literária chamada GONGORISMO... Sabe o que é isso? Sabe também o que significa «emancipar»? Foi pena que, sem querer nisso advertir, revelasse logo nas primeiras palavras que não tem liberdade de pensamento e anda a fazer «fretes». Ainda não conseguiu emancipar-se dos seus entrevistados e visitados. Pois é pena que ainda não tenha chegado a essa «conclusão». Por falar em conclusão: sabe o que isso quer dizer e como se pode aplicar?

Deixe-se de «conclusões», que já se vão moendo as paciências dos que ainda pagam a sua assinatura para terem de sofrer o vexame de ver tão mal gasto o seu dinheiro em dislates deste género. Outro da sua prosa, escolhido a esmo, pois é toda igual e do mesmo quilate,

naco esse que diríamos ser digno de antologia na secção das frases feitas do «Dicionário das Enrascações» dos Parodiantes de Lisboa: depois de escrever que fervia em desejos de vir a Bouro, queimado sabe-lá por que ansiedades (adiante...), talvez pela sua vocação e garra jornalística, qual cruzado do bem-fazer, acorrendo pressuroso em defesa da verdade e esgrimindo contra fantasmas que só na sua imaginação tão sáfara se criam e agitam (querem vocês lá ver que temos um novo Dom Quixote, não de Mancha, mas de Goães?), pois ia eu dizendo que depois de escrever «não evadi todavia o desejo de me deslocar a Bouro» (que pena que o não convidem para académico da Sociedade de Língua Portuguesa, com este estilo tão elegante e castiço!), com uma esferográfica e um bloco de papel no bolso, diz, textualmente, a certa altura:

«Assim aconteceu!

*Desci da camioneta e fiquei ileso, meditando no lugar apropriado a meus intentos».*

Como? Ficou ileso? Porventura terá havido luta ar-

### NOTA DA REDACÇÃO

**Entendemos que as coisas de Bouro foram além do usual. Por isso, no próximo número, encerraremos o caso com um comentário nosso. E será o ponto final.**

mada dentro da camioneta (nós em Portugal, escrevemos em português... E muito mais um jornalista! É que não sei se o nosso ilustre e douto amigo jornalista sabia que «camionete» é um galicismo de «camionette», em francês) porventura, repito, terá havido luta armada dentro da camioneta, ou, à saída dela, no Terreiro de Bouro? Daqui se lança já um apelo às autoridades encarregadas de vigiar pela segurança e disciplina no concelho, pois parece que se registou qualquer acto de desentendimento ou pirataria no autocarro, dado que um dos passageiros saiu são e salvo do perigo e sem a mínima beliscadura. Ou será antes que o culto articulista usa o tal «Dicionário das Enrascações do Dr. Vasco Vermelho do Bombar-

ral», a que os Parodiantes de Lisboa se referem quase todos os dias???

Com que então ficou ileso?

Que tristeza, senhor jornalista, publicar-se destes disparates! Que dor ver ainda mais ridicularizado um jornal bem digno de melhor sortel!

Parece-me que basta, por este lado. Vamos a outro

Chegou a Bouro o nosso repórter e ficou (felizmente!) ileso, isto é: «que não tem lesão, ferimento, golpe; salvo; incólume». E viu uma Farmácia, o que muito o fez espantar. Pois olhe, enganou-se. Não é uma Farmácia. É apenas um Posto sucursal da Farmácia do Pinheiro Manso, porque a Farmácia de Bouro, que já há muitos anos que cá existia, está encerrada, por motivos que não vem a propósito falar, porque são da competência dos seus proprietários. E enquanto isto, como solução transitória ou definitiva — também lhe não interessa — foi aberto um Posto de farmácia para a suprir.

Continuemos. Depois de tão perplexo ficar ao ver o posto de farmácia, não sabemos se por causa do cheiro a éter ou outras drogas semelhantes, diz que viu também uma casa de pasto e um táxi. Pois também já existiam em Bouro desde há muitos anos, talvez mesmo antes de o nosso amigo ter chegado ileso a este mundo (calcula-se a idade em função do teste de maturidade, a não ser que se dê o caso de a idade cronológica não coincidir com a idade psicológica...). Curioso: não quis nada com os donos do táxi e da casa de pasto! Nada quis perguntar e saber. Porquê? Olhe que são caso único cá na terra. E quem sabe se não arranjará um boleia para o regresso! Só entrou, logo a seguir, na outra casa de mercearia ao lado. Pela maneira de fala, em todo o longo palavreado, insinua e dá mesmo a entender que foi a primeira vez que veio a Bouro. Não conhecia nada nem ninguém. Mas olhe que andou com sortel! Sim, senhor! Pelos vistos, sem mais nem quê, o dono da casa ofereceu-lhe logo um brandy. Será mesmo verdade isso? Custa a aceitar... Lá que oferecesse um brandy a um conhecido e amigo, compreende-se; mas a um paradedista qualquer que ali arribou inesperadamente... Mas seja.

Logo a seguir, depois de se informar do nome da casa comercial que tão estranhamente gentil foi, bem como do nome do seu proprietário (?) e irmão (estaria lá?), dirigiu-se ao fundo do Ter-

reiro, a outra mercearia e loja de vinhos, a uns 100 metros de distância mais ou menos. No percurso, passaram-lhe despercebidas pelo menos duas coisas importantes para uma freguesia pequena, perdida no meio das dobras da serra: o consultório de um Médico e o Posto do Correio. Veja se toma nota no calepino! Pois ia o nosso visitante a entrar nessa casa e logo lhe oferecem também um maço de cigarros, que havia pedido, e um café. Como não conhecia a Casa, perguntou também como se chamava, o que prontamente lhe foi dito. Notem bem: nem a a primeira casa nem a segunda eram conhecidas e deram-lhe pronta, delicada e gratuitamente o que pediu... Não há dúvida, que ao menos devia ficar a saber como se chamavam os seus benfeitores... Mas, volto a dizer, ou o nosso amigo tem qualquer poder mágico de transmissão de pensamento (e então podia ir para um Circo!), ou é uma beldade física digna do Olimpo, ou uma simpatia extraordinária (o que, mesmo assim, não basta para explicar todas estas gentilezas: mal estavam os comerciantes se iam dar tudo de graça, mesmo que fosse apenas um brandy, um maço de cigarros SINTRA (à rica, hein!) ou um café a todas as pessoas muito belas e simpáticas) Não sei. Ou melhor sei tudo. Sei que tudo isso é pura mentira e fantasia. Sei que já veio a Bouro muitas dezenas de vezes, mas por outros motivos. E só lamento que não tenha vergonha de andar a fazer o que faz, por causa de recalcaamentos de amores desfeitos e por lhe darem com os pé na cara. E que culpa têm os leitores e o povo de Bouro para andarem a ser importunados e achincalhados por causa de fracassos sentimentais transformados em fúria de líbido, arditamente explorada por outrém, para conseguir os seus intentos?

Quase dá a entender que todo o progresso da freguesia se deve a essas quatro pessoas que encontrou (talvez em sonho etílico!), especialmente ao seu ficticiamente entrevistado. Não têm outra maneira de se fazerem propaganda pessoal? Ao menos escolhessem um propagandista melhor...

Fiquemos por aqui, hoje, uma vez que já tomou um brandy e um café gratuitamente e também um maço de cigarros (só lhe faltam os fósforos). E, se tinha falado ao dono do táxi, podia ser que também arranjasse boleia para casa, onde faz muito

(Continua na 2.ª página)